

# Um olhar psicanalítico sobre o filme *Filhos da Esperança*

---

*Marcia Maria dos Anjos Azevedo\**

“Estou vulnerável quando não tenho alguém confiável para me ajudar quando preciso”

Nessa ficção produzida em 2006, nos deparamos com uma situação surreal ocorrida no ano de 2027 em que há 18 anos, as mulheres não conseguiam mais engravidar, por causa desconhecida. O mais novo ser humano morreu aos 18 anos e a humanidade discute seriamente a possibilidade de extinção. Theodore Faron (Clive Owen), é um ex-ativista desiludido que se tornou um burocrata, vivendo em uma Londres arrasada pela violência e pelas seitas nacionalistas em guerra. Procurado por sua ex-esposa Julian (Julianne Moore), Theodore é apresentado a uma jovem, refugiada – FUJI – grávida. O casal idealista passa a protegê-la a qualquer custo, inclusive com a própria vida, não só por acreditar que a criança por vir seja a salvação da humanidade, mas talvez por intencional a reparação de uma perda ocorrida no centro da vida e da separação dos mesmos. Fica exposto, que uma tragédia se abateu sobre a vida do casal de

---

\* Psicóloga e psicanalista, doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professora associada do Departamento de Saúde e Sociedade (MSS) – Instituto de Saúde Coletiva (ISC) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Membro efetivo e supervisora do Instituto de Formação Psicanalítica da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ). Professora convidada do curso de especialização em Transtornos Alimentares: obesidade, anorexia e bulimia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), professora do curso de especialização Acesso a Saúde: informação, comunicação e equidade ISC-UFF/ICICT-Fiocruz. Membro da Sociedade Brasileira de Transtornos Alimentares (SOBRATA) e da Associação Internacional de Psicanálise de Casal e Família (AIPCF).

protagonistas. A morte do filho parece ter sido o motivo da separação. O modo como cada um reagiu a essa perda influenciou na impossibilidade de continuidade da relação.

O filme aborda temáticas tais como: as diversas formas de violência, de infertilidade e devastação, da aridez e do silêncio em um mundo sem crianças, trata da relação entre fé e crença, de confiança e da impossibilidade de confiar, da incerteza do hoje e do amanhã, trata ainda de temas delicados e muito atuais como imigração, segregação e perda de identidade, ataques entre iguais, e da vulnerabilidade. A degradação do humano aqui se encontra realçada em uma luta pela sobrevivência. Em última instância, observamos fenômenos oriundos e produtores do desamparo humano.

Quando terminei de assistir ao filme achei que tinha acordado de um sonho estranho. Posto de uma forma sem subterfúgios e sem lentes cor de rosa, o que há de mais humano em nós é bem desumano. Podemos pensar que em um mundo sem esperança a barbárie se instaura e a violência impera.

Nessa ficção o argumento a ser sustentado é a necessidade de conseguir acessar o projeto humano para que seja possível sobreviver, ser cuidado e, para isso, é preciso encontrar o barco do amanhã e, com ele, a esperança de um vir a ser. Penso que o projeto em questão apresenta-se sustentado por dois pilares, de um lado a ciência que oferece a concretude e a tentativa de justificar os fatos e, de outro, a fé que se alimenta de uma crença, de um ideal, e da possibilidade de confiar.

Sabemos que apenas *a posteriori* é que teremos notícia dos desdobramentos do presente. Se as feridas serão cicatrizadas, se sobreviveremos e se as crianças voltarão a nascer, só o amanhã dirá! Na contemporaneidade o nascimento traz à tona muitas questões que envolvem o narcisismo parental. Ao mesmo tempo em que a ciência aprimora cada vez mais os processos de fertilização *in vitro*, os casais adiam cada vez mais o projeto de procriação. O nascimento tornou-se um acontecimento e, com isso, as crianças não nascem: elas estreiam, pois a superprodução cinematográfica tirou a característica de intimidade e de naturalidade do nascimento. Pois bem, muitas são as questões que envolvem a manutenção da raça humana.

A ameaça à continuidade é um vetor que se mantém nessa trama. As possíveis causas de uma infertilidade generalizada por 18 anos não são elucidadas, sequer hipotetizadas. Na verdade, a única explicação oferecida pelos personagens – que demonstram ter acompanhado todo o processo, em sua linha do tempo – implícita na narrativa apresentada, é a constatação da existência de abortos cada vez mais precoces que ameaçam a continuidade da vida humana.

Pareceu-me que essa situação seria diferente de uma infertilidade propriamente dita. Mas tentarei ver essa questão mais adiante.

### **Existir em meio à devastação**

Quando o humano precisa chegar a um objetivo que é seguir na vida, precisa ultrapassar limites. Para isso é preciso transgredir, arriscar-se ao ataque, muitas vezes, bélico, ou refugiar-se no seu mundo interno, negando ou recusando as ameaças externas, o que, ainda assim, paradoxalmente, é uma forma de sobreviver.

Nesse caminho, iludido pela promessa de autonomia e liberdade, o humano usa a violência para lutar contra a violência, a tirania da autoridade armada. Mas, ao transgredir, assume o risco de enfrentar a solidão, o medo e o desamparo. Nessa necessária transgressão na busca de seu próprio projeto humano subjetivante, muitas vezes são utilizados os canais do contrabando – como aparece no filme – por onde é possível escapar sem ser percebido ou perseguido. Quando há a renúncia a essa possibilidade de transgressão, algumas consequências nefastas surgem no cenário da vida. Podem se tornar superadaptados, autômatos, ou se flagelar pela humanidade. Jovens submetidos ou superajustados tornam-se robotizados, alijados da possibilidade de viverem seus afetos e tornam-se indissociados de seus dispositivos eletrônicos. Será que seriam rebeldes de causa perdida? – Não sabemos! A principal percepção, naquela situação, assim como na contemporaneidade, é a desesperança encenada e experimentada por jovens devastados em sua subjetividade que apresentam a morte em vida, sem criatividade, expostos à violência e à compulsividade.

De acordo com Rocha (2001, p. 303) quando

dominada pela violência, qualquer civilização é condenada à barbárie. Assim aconteceu no passado. Assim pode estar acontecendo hoje também. Mas hoje os bárbaros não se encontram fora das fronteiras do mundo civilizado: estão dentro dos muros, pois se encontram no meio daqueles que são os responsáveis pelo destino de nossa história.

Ainda seguindo suas reflexões é preciso se proteger para não sucumbir à tentação de desespero a que estamos sujeitos, quando a violência, como uma das figuras mais significativas de um mundo em que prevalece o absurdo, o não sentido, parece destruir as nossas perspectivas de amanhã e de futuro.

Mas vejamos! É preciso que espelhos sirvam de referência e em seu possível investimento narcísico ofereçam a possibilidade de contato, e a manutenção da existência subjetiva em uma corrente de gerações. Contudo sem ter em quem confiar, não há alicerce para sustentar as próprias escolhas, dentro das transgressões necessárias. Sem um objeto que invista libidinalmente e narcisicamente, e que reflita sua imagem em seu olhar, não se configura uma imagem de si que possa vir a sustentar a complexa dinâmica da vida psíquica e, em última instância, a confiança em si próprio. Portanto, sem um outro incorporado, que sustente e legitime a existência humana, que ofereça um amparo fundamental a ser introjetado, fica-se vulnerável ao falso cuidado, à mentira e às aparências.

Em acréscimo ao não confiável, aparece a questão do imigrante estrangeiro ilegal, que se encontra posta aqui de maneira agravada. Situação que nos leva a refletir sobre a seriedade dessa situação. No filme ouvimos que “quem escapa das atrocidades em seus países de origem é caçado feito barata”. Imigrantes ilegais sofrem no mundo todo. Há elevado grau de exclusão, com grande sofrimento social. Imigrantes ilegais e refugiados vivem privações de toda ordem – xenofobia, racismo, intolerância – diversas formas de violência a começar pela invisibilidade, tanto na realidade brasileira quanto ao redor do mundo.

O campo de refugiados pareceu-me um campo de concentração em que os sujeitos são dizimados em sua subjetividade, presos em grades que mais parecem jaulas, submetidos, acossados, massacrados.

Vemos o humano sempre às voltas com seus paradoxos. Não investe apenas em responder as exigências da vida: quer viver o prazer, o risco, quer ser bem-sucedido, mas, também, busca proteção em relação ao desamparo que o ameaça de dentro e de fora. Nesse confronto, tenta encontrar recursos para se proteger contra a diferença, a exclusão, a invisibilidade, o desvalor e o desaparecimento de si.

Segundo Santos, pesquisador da USP, o mundo vive uma condição ímpar de migração, onde a ONU estima que sejam mais de 65 milhões de pessoas nessas condições. E “sabemos que esse número pode ser muito maior”. Em sua tese de doutorado intitulada *Haitianos em São Paulo – exclusão, invisibilidade social e sofrimento social* teve o objetivo de registrar como os imigrantes haitianos se relacionam com as características da capital paulista e da cultura nacional, enfrentando toda ordem de dificuldades e sofrimento social que uma trajetória sem planejamento ou estudo pode oferecer a seus protagonistas.

Ainda nessa publicação, Adriana Capuano de Oliveira propõe uma leitura abrangente de um panorama sobre a complexidade que envolve os sentimen-

tos de pertença e identidade em um mundo de deslocamentos crescentes. “Diante da realidade de milhões de refugiados e tantos outros milhões de pessoas que partem de forma voluntária de seus países de origem em busca de melhores condições de trabalho, criando cenas que acabam chocando a opinião pública mundial, como conceber o futuro?”, questiona.

A partir da palavra “alma”, usada originalmente na obra de Freud, Montagna, discute a migração humana em seus componentes intra e interpéssicos, aspectos identitários e as ansiedades despertadas em processo de potencial traumático, podendo levar a experiências de despersonalização e desrealização.

No artigo *O perfil sociodemográfico e de saúde dos retornados mineiros para a região de Governador Valadares*, o médico C. Eduardo Siqueira, professor da *University of Massachusetts Boston* e a socióloga Sueli Siqueira, professora da Universidade Vale do Rio Doce, apresentam um estudo sobre trabalhadores imigrantes brasileiros em Massachusetts e na região em torno de Governador Valadares, mostrando o perfil de sua saúde em empregos precários que demandavam grande esforço físico.

Paulo Daniel Farah, professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, aborda a discriminação contra imigrantes e refugiados. “Com efeito, faz-se necessário debater mais, no Brasil e no mundo, sobre xenofobia, racismo e intolerâncias várias e sobre formas de enfrentá-los em contextos que não se restrinjam a ações imediatistas pós-assassinatos e outras atrocidades”, protesta. “De um lado, observam-se iniciativas no campo da judicialização que visam a deter pessoas que incitam ao ódio e à violência. De outro, ações educativas promovem conscientização e humanização ao mesmo tempo em que reduzem estranhamentos e preconceitos”.

Então o sofrimento daqueles que vivem em situação de vulnerabilidade social revela o processo de exclusão afetando o corpo e a mente sendo a maior das fontes o descrédito e a invisibilidade. Lendo o texto *O futuro de uma ilusão* (1927), encontramos nas palavras de Freud, que é de esperar que essas classes subprivilegiadas invejem os privilégios das favorecidas e façam tudo o que podem para se liberarem de seu próprio excesso de privação. Onde isso não for possível, uma permanente parcela de descontentamento persistirá dentro da cultura interessada, o que pode conduzir a perigosas revoltas.

A satisfação narcísica proporcionada pelo ideal cultural encontra-se também entre as forças que alcançam êxito no combate à hostilidade para com a cultura dentro da unidade cultural. Essa satisfação pode ser partilhada não apenas pelas classes favorecidas, que desfrutaram dos benefícios da cultura, mas

também pelas oprimidas, já que o direito a desprezar povos estrangeiros as compensa pelas injustiças que sofrem dentro de sua própria unidade.

A identificação das classes oprimidas com a classe que as domina e explora é, contudo, apenas uma parte de um todo maior. Isso porque, por outro lado, as classes oprimidas podem estar emocionalmente ligadas a seus senhores; apesar de sua hostilidade para com eles, podem ver neles os seus ideais. A menos que tais relações de tipo fundamentalmente satisfatório subsistam, é impossível compreender como uma série de civilizações sobreviveu por tão longo tempo, malgrado a justificável hostilidade de grandes massas humanas.

Segundo Birman (2006) o mal-estar não apenas persiste, mas as suas condições hoje são mais catastróficas. Sem dúvida, as condições do mundo pós-moderno e os imperativos da globalização retiraram instrumentos e instâncias sociais de proteção dos indivíduos, o que aumentou em muito o dito mal-estar.

Como sobreviver entre ilusões e crenças com foco no ideal? No filme em questão é pela crença em um ideal que o casal protagonista se encontra e se une, e apesar de terem se separado por uma tragédia pessoal, foi novamente em relação ao investimento em um ideal comum que se reencontraram.

Enquanto a ciência busca oferecer uma justificativa para os fenômenos, uma crença exige uma fundamentação sobre seu conteúdo. Essa fundamentação pode ser baseada na observação, nos mitos, nas tradições e, decerto, também em inferências. Contudo, se acreditamos na possibilidade de existência de uma coisa, nos ligamos a essa crença com uma íntima convicção.

E a fé? Também é uma crença, mas essa convicção intensa e persistente em algo abstrato, para a pessoa que acredita, se torna verdade. É através da fé que se organizam e se mantêm as crenças religiosas.

Então... o que é a fé? Aonde a fé nos leva? Confiamos no objeto de nossa fé? Na tragédia a fé perdeu para o acaso. Nem sempre o acaso vai te proteger “enquanto estiver distraído...”<sup>1</sup>

A relação entre a fé e a ciência e entre a fé e o acaso aparece, nessa trama, atribuindo à fé o fato de esta manter as pessoas unidas por um sentimento, uma vez que no caso de uma crença o elemento de ligação é um ideal.

Para Freud “os ideais culturais se tornam fonte de discórdia e inimizades entre unidades culturais diferentes, tal como se pode constatar claramente no caso das nações”. Se os ideais são acessados na ordem das ilusões, e se o que é característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos, alimenta-

---

<sup>1</sup> Verso da música *Epitáfio* de autoria dos Titãs.

dos pela ilusão de liberdade e pela possibilidade de chegar ao amanhã e viver no projeto humano, será que na perda dessa ilusão a distribuição do kit suicídio fará sentido? Parece que essa situação saiu da perspectiva do *non sense* e se instaurou na vida de nossos jovens do século XXI. A desesperança e a sensação de não ter saída faz-se presente, uma vez que o número de suicídios, de quadros de depressão aumentou assustadoramente, assim como as diversas formas de violência.

### **Sobre a relação entre a ilusão e a racionalidade**

Vamos a Freud (1927/1982) em *O futuro de uma ilusão* - parte 1 - onde afirma que “quanto menos um homem conhece a respeito do passado e do presente, mais inseguro terá de mostrar-se seu juízo sobre o futuro. E há ainda uma outra dificuldade: a de que precisamente num juízo desse tipo as expectativas subjetivas do indivíduo desempenham papel difícil de avaliar, mostrando ser dependentes de fatores puramente pessoais de sua própria experiência, do maior ou menor otimismo de sua atitude para com a vida, tal como lhe foi ditada por seu temperamento ou por seu sucesso ou fracasso”.

Finalmente, faz-se sentir o fato curioso de que, em geral, as pessoas experimentam seu presente de forma ingênua, por assim dizer, sem serem capazes de fazer uma estimativa sobre seu conteúdo; têm primeiro de se colocar a certa distância dele: isto é, “o presente tem de se tornar o passado para que possa produzir pontos de observação a partir dos quais elas julguem o futuro”.

Ele continua dizendo “que qualquer pessoa que ceda à tentação de emitir uma opinião sobre o provável futuro de nossa civilização fará bem em se lembrar das dificuldades que acabei de assinalar, assim como da incerteza que, de modo bastante geral, se acha ligada a qualquer profecia”. Ainda segundo Freud (1927/1982) “As criações humanas são facilmente destruídas, e a ciência e a tecnologia, que as construíram, também podem ser utilizadas para sua aniquilação”. Sendo assim, assistindo a esse filme fica-se assim com a impressão de que a civilização é algo que foi imposto a uma maioria resistente por uma minoria que compreendeu como obter a posse dos meios de poder e coerção.

O que há de mais humano no humano? Parece ser a destrutividade e a violência. É preciso segundo Freud “levar em conta o fato de estarem presentes em todos os homens tendências destrutivas e, portanto, antissociais e anticulturais, e que, num grande número de pessoas, essas tendências são suficientemente fortes para determinar o comportamento delas na sociedade humana”.

Faço minhas as palavras de Jurandir Freire em uma entrevista à *Revista Percurso* em que afirma que uma dentre as finalidades da psicanálise como objetivo humanamente útil, é poder ajudar um neurótico que procura viver uma vida melhor, também lutar pela pluralidade, a fim de que os discriminados, os chamados desviantes, as pessoas que sofrem opressão tenham vez e voz.

Naquela ordem de ficção o bebê é o milagre. Se podemos pensar que sentimentos humanos estão projetados aqui, pode ser uma crença; podemos ter fé, mas me chamou atenção a fala do personagem: “para que se incomodar se o acaso faz suas próprias escolhas? Contudo se nada fizermos, se não construirmos projetos ideais para os tornarmos possíveis, viveremos sem esperança”.

Quão frágil é a voz do intelecto diante da força transbordante da violência humana?

Segundo Pontalis (1988, p. 25) a necessidade pode ser negociada e vencida, a morte não, sobretudo quando já não é percebida como passagem de uma vida a outra, nem como acontecimento natural, mas não para de nos atormentar de dentro.

Pontalis (1988, p. 27) diz ainda que quanto mais nosso mundo se deixa conhecer em seus determinantes menos se deixa “pensar” em seu devir e sua finalidade. Constituiria esse paradoxo a atualidade do mal-estar?

É estranho o que acontece no mundo sem as vozes das crianças!!!

Desamparo e violência, duas polaridades da existência humana em que uma não existe sem a outra. Como as guerras são inevitáveis, porque a diferença ganhou o estatuto de insuportável, nos cabe tentar proteger-nos da violência, de nossa própria e da do outro, da ausência de mediação e das sabotagens de nosso inconsciente, enfim da nossa própria culpa. Pois essa caminha conosco na direção em que formos.

De acordo com Green (1982, p. 195) o estado neutro só existe virtualmente, está sempre na situação de ponto ideal suscetível de pender para uma ou para outra das extremidades polarizadas. Ainda bem que vivemos o conflito entre as nossas culpas e a nossa capacidade de nos vitimizarmos acerca das exigências que a vida impõe. E, enquanto culpados nos responsabilizamos pela parte que nos cabe nesse latifúndio.

Os espelhos tornam-se cada vez mais turvos e o sujeito fica aderido na imagem ali projetada. Quando o sujeito se depara com a alteridade, se surpreende e, segundo Figueiredo (1998), percebe-se como “alguém-que-sendo-parte-do-mesmo-é-outro” seria isso que constitui o outro em sua alteridade e estrangeirice e paradoxalmente parecia mais próximo e familiar. Será que o

vazio, o nada, marca a morte no corpo? Talvez possamos apontar a infertilidade fictícia como decorrente de uma recusa de se defrontar com a diferença, como muitas mulheres acenam em relação à maternidade como a vivência de um mal-estar só de pensar na possibilidade de terem que abrir mão de suas vidas em prol de terem alguém dependente delas.

De qualquer forma a fisiologia feminina vai mudando de acordo com as condições sócio ambientais e culturais que a mulher enfrenta. Vemos estatisticamente que há redução significativa do número de gestações em países desenvolvidos, tal como na Alemanha por exemplo. Talvez possamos apontar ainda para as fixações pré-genitais e problemáticas narcísicas alinhadas a uma inibição em relação à função materna.

Independentemente do fato de o pai estar vivo ou morto simbolicamente, temos menos mulheres disponíveis à maternidade no cenário social. Não ouvimos na clínica as mulheres se perguntando se querem ser mãe, mas se querem ter um filho. Esse questionamento mudaria essencialmente a situação.

Assim enquanto a psicanálise vem realçando a morte do pai, esse filme traz a melancolia da perda, da deficiência, da paralisia, de uma devastação do feminino e da morte da mãe. Importante entender aqui que a devastação pode ser entendida não como infelicidade, nem como sintoma resultante de uma mãe má, e sim como uma catástrofe que existe no próprio centro da relação entre uma mãe e sua filha, com isso – assunto que merece aprofundamento – uma repetição de abortos espontâneos pode ser possível. Isso então justificaria o fato de não haver esterilidade e sim impossibilidade de manter a gestação.

Será que uma hipótese possível seria que o filho gestado como objeto de amor deixaria de existir? Olhando por esse prisma, o mundo passa a parecer mais vazio. Faz muito sentido, quando Manonni (1995, p. 95) diz da identificação com o objeto perdido freudiano, no caso da melancolia, acontece de tomar a si mesmo como objeto (de desejo) – um objeto abandonado.

No filme essa menina nasce sem saber quem é o pai, mas chega ao mundo pelo amparo de um pai que perdeu o filho em seu processo de reparação do próprio luto. Investida por uma mãe, cuidada e reconhecida em sua importância e em seu desamparo, ela embarca para o amanhã com uma possibilidade de estar fértil em sua capacidade de se perpetuar, talvez!

É no barco do amanhã que se chega ao projeto humano. Não se sabe ao certo quando vai chegar e se vai chegar. O mar é sempre o elemento surpresa, a maré pode não estar favorável... e a correnteza pode desviar seu rumo. Assim, no projeto humano não há garantias de se chegar a um lugar. O espaço-tempo da vida é individual, indefinido e indefinível. Contudo é preciso confiar que

será possível chegar, e apesar de vulnerável e ferido em seu narcisismo, o humano segue.

“É preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte”.<sup>2</sup>

*Abril de 2019*

**Marcia Maria dos Anjos Azevedo**

mmazevedo@globo.com

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

## Referências

AZEVEDO, M. M. A. Nos labirintos da eficiência. In: XX JORNADA DE PSICANÁLISE DA SPCRJ, 2017.

\_\_\_\_\_. A constituição identitária contemporânea e a cultura como sala de espelhos. *Cadernos de Psicanálise*, publicação online da SPCRJ - Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, 2018.

BIRMAN, J. Entrevista concedida a DWworld – por ocasião dos 150 anos de Freud em 2006.

FIGUEIREDO, L. C. *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, Fapesp, 1998.

FREUD, S. *Mal estar na cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1982. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

\_\_\_\_\_. (1927). *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1982. (ESB, 21).

GREEN, A. *O discurso vivo: uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

MANNONI, M. *O nomeável e o inominável: a última palavra da vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

PONTALIS, J. B. *Perder de vista: da fantasia de recuperação do objeto perdido*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

ROCHA, Z. O problema da violência e a crise ética de nossos dias. *Síntese - Revista de Filosofia*. Belo Horizonte, v. 28, n. 92, 2001.

SIQUEIRA, C. E.; SIQUEIRA, S. O perfil sociodemográfico e de saúde dos retornados mineiros para a região de Governador Valadares. *Revista USP*, São Paulo, n. 114, p. 119-129, 2017.

<sup>2</sup> Verso da música *Divino maravilhoso* de autoria de Caetano Veloso.